

## PROCESSO DE PAZ EM MOÇAMBIQUE

NOVA RONDA NEGOCIAL  
A 2 DE MAIO PRÓXIMO

— anuncia Presidente Chissano falando em Moma

por Elias Cossa, enviado da AIM

O Chefe do Estado moçambicano, Joaquim Chissano, anunciou ontem em Moma, na província nortenha de Nampula, para o próximo dia 2 de Maio a realização da sexta ronda de conversações entre o Governo e a Renamo.

Chissano, que falava num comício popular que juntou cerca de 5 000 pessoas na sede do distrito costeiro de Moma, uma região que faz fronteira com a província da Zambézia, manifestou cepticismo quanto à seriedade da Renamo no processo de conversações a decorrer em Roma e com vista ao estabelecimento da paz em Moçambique.

Não sabemos de que é que eles (Renamo) estão à espera, mas vamos esperar até ao dia 2 de Maio, disse Joaquim Chissano, depois de historiar os sucessivos adiamentos que se arrastam desde o passado dia 8 de Abril.

De acordo com o Chefe do Estado moçambicano e Presidente do Partido Frelimo, depois de marcadas para 8 de Abril, as conversações foram adiadas pelo menos três vezes.

Não sabemos o que é que eles estão a preparar. Se pensam que ainda vão atacar e ocupar qualquer coisa à força, ou se estão à espera de conselheiros, conjecturou Chissano.

O Presidente Chissano afirmou por outro lado que certo sector público e internacional de opinião é desfavorável ao uso da força por parte do Exército moçambicano quando estão em curso as conversações de Roma. Quando

atacamos, há pessoas que interrogam se estamos a conversar ou atacar, mas quando eles (Renamo) atacam ninguém diz nada, disse.

Ainda sobre o processo de conversações de Roma, Chissano manifestou confiança nas negociações ao afirmar que conversar é o melhor caminho, pois não temos outro, mas é necessária muita paciência.

Sobre a situação militar que a delegação liderada por Chissano encontrou em Moma, o Chefe do Estado teve elogios à forma «organizada» como se deteve a guerra provocada pela Renamo.

No distrito de Moma vive-se uma relativa acalmia desde 1989, devido, entre outros factores, à acção dos chamados «naparamas», uma espécie de sociedade secreta mantida entre o campesinato desta região costeira e que se expande até regiões da província da Zambézia.

Sabemos que quem libertou estes distritos foi a combinação de esforços entre as Forças Armadas de Moçambique e o trabalho feito pelo povo de uma forma «organizada», considerou Chissano numa clara alusão aos «naparamas».

No início do comício popular, e quando os populares fizeram ofertas, Chissano manifestou um interesse especial por duas pequenas azagaías

de arremesso que lhe foram apresentadas como armas usadas pelos «naparamas». Trata-se de azagaías de cerca de 75 centímetros de comprimento incorporando uma lâmina de ferro de cerca de 25 centímetros de comprimento e 10 de largura. Uma das azagaías tinha a lâmina envolta num pedaço de pano vermelho e um colar de missangas engaltonava o curto cabo de madeira.

De acordo com a mitologia que envolve os membros dos «naparamas», eles estão proibidos de usar armas de fogo e somente

usam armas brancas quando assaltam as bases e posições da Renamo.

Embora mantida num certo sigilo, sabe-se que a questão dos «naparamas» tem sido seguida de perto pelos governantes moçambicanos, e o Governo Provincial de Nampula afirma no seu relatório ao Presidente que contactos foram efectuados com este grupo para saber da sua natureza e objectivos.

O Presidente Joaquim Chissano regressou já à capital provincial, onde reuniu a meio da tarde com o Comité Provincial do Partido Frelimo. De acordo com o seu programa de trabalho, ele reuniu na noite de ontem com as Forças de Defesa e Segurança.